

## ANO INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO

**\*Roberto Rodrigues**

O cooperativismo brasileiro vem crescendo bastante, impulsionado pelo firme timão da OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras, órgão de cúpula do movimento.

Muita gente acredita que este poderoso instrumento de organização econômica da sociedade seja exclusivamente agrícola, o que é um engano. Os números a este respeito são notáveis, e mostram como o movimento se expandiu na área urbana. Há 10 anos, o Brasil tinha 5903 cooperativas, das quais 1411 eram rurais, com 831.654 associados. Cerca de 2067 eram urbanas, com 2.493.197 associados. No último levantamento da OCB, de dezembro de 2010, as cooperativas urbanas já eram 2953, com 3.816.026 associados, e as agrícolas eram 1548, com 943.054 de associados.

As cooperativas urbanas atuam nas áreas de consumo, educação, habitação, infra-estrutura, produção, saúde, transporte, turismo e especial (para pessoas com deficiência). E, além das rurais e urbanas, existem as cooperativas de crédito, em número de 1064, com mais de 4 milhões de associados, a grande maioria urbanos, embora a área rural ainda tenha maior poder econômico. Também as cooperativas de trabalho, 1024 no total, são majoritariamente urbanas, com seus 217 mil associados, mas algumas funcionam no campo também.

O número das que são apenas agropecuárias cresceu 35% nestes 10 anos, e as exclusivamente urbanas, 42%. Mas o número de associados destas aumentou 53% enquanto o das agropecuárias, só 13%.

É claro que a urbanização crescente do Brasil tem muito a ver com isso, mas não é o único fator responsável.

Uma cooperativa precisa de 3 condições básicas para se desenvolver de maneira positiva: em primeiro lugar, precisa ser necessária. Não adianta nada querer criar uma cooperativa de qualquer tipo se ela não for sentida, pelos futuros cooperados, como uma necessidade, capaz de responder às pressões econômicas a que estão submetidos. Cooperativismo é um movimento de base, tem que crescer de baixo para cima, não pode ser imposto. Em segundo lugar, precisa ser viável economicamente: cooperativa é uma empresa, com a diferença que o lucro não é o fim em si; ela é o instrumento da doutrina cooperativista que objetiva “corrigir o social através do econômico”. Portanto, a cooperativa oferece ao seu cooperado - de qualquer ramo - serviços que lhe permitam evoluir economicamente e, por conseguinte, acessar novos níveis sociais. Mas, mesmo assim, é uma empresa - com seu viés social, é claro -, tem que ser eficiente e lucrativa. Por isso tudo, criar uma cooperativa sem nenhum capital é vê-la nascer morta. E por fim, é preciso que haja espírito associativo, com liderança capaz de conduzir o processo.

Ora, a rápida urbanização do país trouxe para as cidades demandas estruturais, tendo em vista melhorar a renda dos cidadãos. Estes se organizaram então em cooperativas de trabalho, de consumo, de saúde, de educação, de habitação, de crédito, etc, e o movimento ganhou uma dimensão

tão espetacular quanto o que aconteceu em outros países do mundo pelas mesmas razões. Tudo isso foi potencializado pelo vigoroso processo de globalização da economia que produziu exclusão social e concentração da riqueza, dois inimigos mortais da democracia e da paz. Os excluídos se agruparam em cooperativas e com isso também mitigaram a concentração, transformando-se em bastiões aliados dos governos democráticos pela sustentação da paz. Aqui e no mundo todo.

É bom lembrar que existem cooperativas em todos os países, e o número total de seus associados é próximo a 1 bilhão de pessoas. Se cada qual tiver 3 agregados, são 4 bilhões de terráqueos ligados direta ou indiretamente ao cooperativismo, constituindo o mais gigantesco contingente humano em defesa da democracia e da paz universal.

Não é por outra razão que a ONU declarou 2012 como o Ano Internacional do Cooperativismo. E pela mesma razão este extraordinário movimento bem que merece o Prêmio Nobel da Paz.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**